

## Homens de ferro?

### A deposição de ferramentas em sepultamentos bretões da Idade do Ferro\*\*

#### RESUMO

A descoberta de ferramentas associadas à metalurgia e carpintaria na Idade do Ferro bretã é relativamente esparsa. Achados do tipo são encontrados em assentamentos, em tesouros ocultados e, às vezes, em cemitérios. Este artigo aborda a deposição de ferramentas, como tenazes, limas, martelos e outros, analisando contextos funerários encontrados em King Harry Lane (Hertfordshire), Whitcombe (Dorset), Rudston e Burton Fleming (East Yorkshire). Baseando-se em discussões prévias sobre a metalurgia e as ferramentas da Idade do Ferro bretã, como os estudos de Ehrenreich, Fell, Giles e Halkon, a pesquisa incorpora casos encontrados no continente, nas regiões francesas da Normandia e Val-d'Oise, onde sepultamentos com ferramentas ocorrem desde o século III a.C.. O artigo busca demonstrar como a deposição de ferramentas se tornou um mecanismo para expressar mensagens poderosas durante os séculos I a.C./d.C. na Grã-Bretanha, particularmente, associado ao gênero masculino.

**Palavras-Chaves:** Idade do Ferro; sepultamentos; metalurgia; ferramentas; Grã-Bretanha

\* Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF), com Pós-Doutorado em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC-UFRJ). Professor de História Antiga da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e de seu Laboratório de História Antiga (LHIA). CV: <http://lattes.cnpq.br/7179835505426363>

\*\* Parte dessa pesquisa foi desenvolvida durante um pós-doutorado realizado entre os anos de 2018 e 2021 no Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC-UFRJ), com o apoio da CAPES.

## Iron Men? The deposition of tools in burials from Iron Age Britain

### ABSTRACT

Archeological discoveries of metalworking and carpentry tools from Iron Age Britain have been relatively sparse. Finds have been spotted in settlements, hoards, and, less frequently, burials. This paper addresses the deposition of tools like tongs, files, hammerheads, and others in funerary contexts. It analyses cases found in King Harry Lane (Hertfordshire), Whitcombe (Dorset), Rudston, and Burton Fleming (East Yorkshire). Drawing on previous discussions of metalworking and tools of Iron Age Britain, such as those of Ehrenreich, Fell, Giles, and Halkon, the study will incorporate sites from continental Europe into the debate, expressly the French regions of Normandy and Val-d'Oise where tools were placed in burials as far back as the 3rd century BC. The paper aims to demonstrate how the deposition of tools became a mechanism for powerful messages to be expressed during the 1st centuries BC/AD in Britain, particularly in association with the male gender.

**Keywords:** Iron Age; burials; metalworking; tools; Great Britain

## ¿Hombres de hierro? La deposición de herramientas en sepulturas de la Edad de Hierro de Gran Bretaña

### RESUMEN

Existen relativamente escasos descubrimientos de herramientas asociadas a la metalurgia y la carpintería procedentes de la Edad del Hierro de Gran Bretaña. Los hallazgos de este tipo se encuentran en asentamientos, en tesoros escondidos y, a veces, en cementerios. Este artículo aborda el depósito de herramientas como tenazas, limas, martillos y otros en los contextos funerarios encontrados en King Harry Lane (Hertfordshire), Whitcombe (Dorset), Rudston y Burton Fleming (East Yorkshire). Basándose en discusiones previas sobre la metalurgia y las herramientas de la Edad del Hierro, como los estudios de Ehrenreich, Fell, Giles y Halkon, esta investigación incorpora casos encontrados en el continente, en las regiones francesas de Normandía y Val-d'Oise, donde los entierros con herramientas han tenido lugar desde el siglo III a.C. Este artículo busca demostrar cómo la deposición de herramientas se convirtió en un mecanismo para expresar mensajes poderosos durante los siglos I a.C./d.C. en Gran Bretaña, particularmente asociados al género masculino.

**Palabras clave:** Edad del Hierro; sepultos; metalurgia; herramientas; Gran Bretaña



**S**epultamentos humanos oferecem uma forma única de acesso ao passado. Eles organizam o tecido social em um momento no qual identidades, individuais e coletivas, precisam ser (re)construídas face à inexorável fragilidade da vida humana. Para tanto, combinam de modo criativo referências simbólicas e materiais para gerar um sentido – qualquer que seja, – do mundo e, frequentemente, de um “Além”.

Para o estudo da antiguidade, sepultamentos produzem materiais ímpares, no tocante à obtenção de dados que, de outra forma, seriam impossíveis. Eles possibilitam acessar, onde os remanescentes humanos encontram-se minimamente preservados, informações sobre a dieta, qualidade de vida, presença de patologias, diferenças sexuais e etárias entre indivíduos, por exemplo (Hosek; Robb, 2019). Análises científicas, como as isotópicas e as do campo da paleomicrobiologia têm, inclusive, expandido exponencialmente nosso conhecimento sobre alimentação e doenças em populações humanas antigas nos últimos anos. Exemplos incluem estudos recentes, sobre a dieta dos gregos antigos (Papathanasiou et al., 2015); dos gladiadores romanos (Lösch et al., 2014); dos antigos bretões (Jay; Montgomery, 2020); dos egípcios (Forshaw, 2014); do Mediterrâneo durante o Mesolítico (Cristiani et al., 2018) e, até, de comunidades neandertais da Pré-História (Power et al., 2018), apenas para citar alguns.

A cultura material da morte permite que contemplemos, também, grupos frequentemente ignorados pela literatura da época. Graças a um epitáfio do séc. I d.C. encontrado em um *columbarium*<sup>1</sup> na via Apia, por exemplo, podemos conhecer a história de Felix, que morreu com apenas oito meses de idade, e o sofrimento de Cheone, sua mãe, uma escrava de Cornelia Volusia (Hope, 2007, p. 12).<sup>2</sup> Ainda que lacunares, registros funerários como este podem oferecer frutíferas possibilidades de renovação, em especial para o estudo de grupos sub-representados, como escravos e bebês.<sup>3</sup>

É preciso ressaltar que a historiografia de algumas sociedades antigas ainda é largamente devedora ao estudo de sua cultura material funerária. Esse é o caso, por exemplo, da egiptologia, para a qual os achados de natureza mortuária desempenharam um papel significativo em seu histórico acadêmico, inclusive antes de sua constituição propriamente dita enquanto disciplina, como atestam inúmeras investigações antiquárias, dentre as quais, o primeiro e célebre desembrulhar de uma múmia, ainda em 1698, por Benoît de Maillet, pode ser destacado (Ikram, 2018).

A materialidade da morte permite a pesquisadores não só refinar o conhecimento produzido em seus tradicionais campos e recortes temáticos, mas que estes sejam expandidos e diversificados. Possibilita, portanto, enriquecer o conhecimento sobre sociedades que já

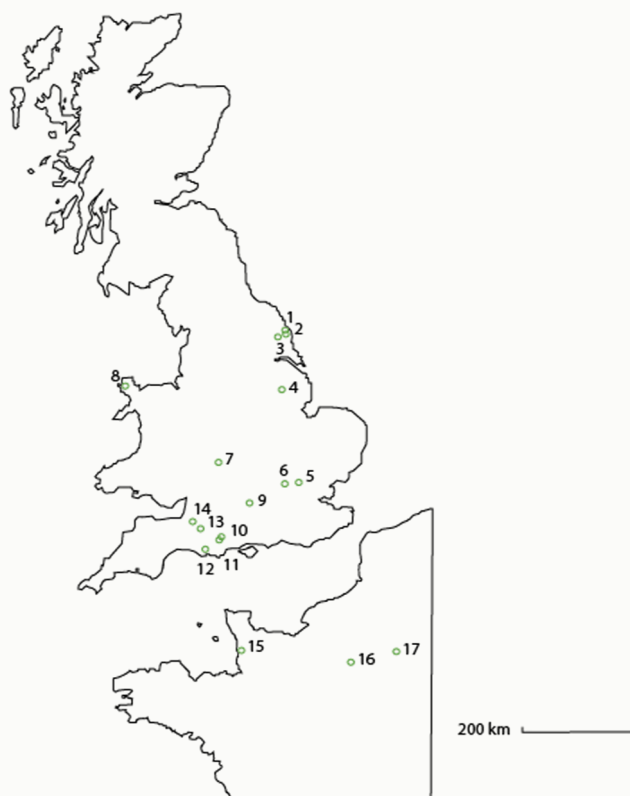
<sup>1</sup> A saber, uma estrutura sepulcral feita com nichos para o armazenamento de urnas funerárias frequentemente construída a níveis subterrâneos.

<sup>2</sup> *Corpus Inscriptionum Latinarum*, VI, 7308.

<sup>3</sup> Estima-se que, em Roma, aproximadamente um em cada dez bebês morriam nos primeiros meses de vida, e que um terço das crianças não sobreviviam até completar um ano de idade (Rawson, 2009). Por outro lado, é importante ressaltar, análises estatísticas de inscrições tumulares demonstram que crianças estão particularmente sub-representadas, e que epitáfios não devem ser tomados por espelhos da realidade demográfica antiga (McWilliam, 2001). Levando-se em conta sua incidência, registros como o do bebê Felix, tornam-se ainda mais notáveis.

recebem grande atenção nas discussões da Antiguidade, como é o caso das ditas “clássicas”, grega e romana e, em menor escala, aquelas do Egito e Oriente Médio. No entanto, para o estudo de sociedades pouco exploradas e/ou que não legaram registros escritos, novos caminhos se abrem, pois a morte e os ritos que a sucedem podem, em certas ocasiões, resultar na produção de rastros materiais sobre o passado. Esses vestígios, por sua vez, possibilitam direcionar os olhares a temas, regiões e cronologias ainda, em muito, negligenciados.

O presente artigo é um convite à exploração de um desses recortes ainda pouco explorados pela historiografia brasileira: o período conhecido como a Idade do Ferro bretã (séc. VIII a.C. – I d.C.). A ausência de textos substanciais produzidos pelas comunidades bretãs durante a maior parte do primeiro milênio a.C. colocam-nas em uma posição de aparente invisibilidade historiográfica. Utilizando-se da cultura material da morte como principal fonte investigativa, este artigo pretende reparar tal cenário. Para tanto, serão discutidos sepultamentos oriundos do norte e do sul inglês, em Rudston e Burton Fleming (East Yorkshire), King Harry Lane (Hertfordshire) e Whitcombe (Dorset), que datam do séc. I a.C./d.C. (cf. Figura 1). Como recorte temático, a discussão foca a deposição de ferramentas, como martelos, tenazes, facas, limas e sovelas: isto é, equipamentos associados à prática metalúrgica e a trabalhos manuais, como a carpintaria, já que sua ocorrência em contextos funerários é relativamente rara.



**Figura 1.** Mapa dos principais sítios mencionados no texto. 1, Burton Fleming; 2, Rudston; 3, Garton Slack; 4, Fiskerton; 5, Waltham Abbey; 6, King Harry Lane; 7, Bredon Hill; 8, Llyn Cerrig Bach; 9, Hartshill Copse; 10, Gussage All Saints; 11, Bulbury; 12, Whitcombe; 13, South Cadbury Castle; 14, Glastonbury; 15, “Les Haines” Orval; 16, Marcilly-sur-Eure; 17 Roissy.

**Fonte:** Pedro Peixoto

## Um mundo de metal?

A antiguidade bretã costuma ser lembrada por seus elaborados artefatos em metais. Os icônicos objetos incluem o escudo de Battersea e o capacete de Waterloo (Londres), o grande torque de Snettisham (Norfolk) e a espada de Kirkburn (East Yorkshire). Ao discutir alguns desses materiais, autores se referem inclusive em termos de uma “tecnologia de encantamento” para a Idade do Ferro bretã, capaz de gerar admiração, respeito e medo em seus espectadores, ao combinar efeitos visuais que atraem e desorientam, usando fluidos recursos plásticos (Garrow; Gosden, 2012; Giles, 2008). De fato, esses artefatos frequentemente combinam referências a estéticas continentais de La Tène, expressas por meio de uma linguagem visual própria e caracteristicamente insular, por sua vez, fortemente marcada por padrões intrincados, motivos geométricos espiralados e representações estilizadas de fauna e flora.<sup>4</sup>

A cultura material do período atesta a existência de um elaborado conhecimento metalúrgico e de sofisticadas técnicas de embelezamento aplicadas a objetos metálicos. Tal realidade se deve, sobretudo, a dois fatores. Por um lado, a atestadas redes milenares de contatos, mobilidade e circulação de itens entre as Ilhas e regiões do Continente, que possibilitaram fluxos de ideias e saberes entre as partes envolvidas (Cunliffe, 2009). Por outro, à existência de privilegiadas reservas minerais, como é o caso, por exemplo, do ferro extraído em Welham Bridge (Yorkshire), do estanho na Cornualha e Devon, das minas de cobres exploradas desde o Calcolítico no norte do País de Gales e noroeste inglês, ou do ouro proveniente de partes do País de Gales e de regiões vizinhas, como Wicklow Mountains, na Irlanda (Cunliffe, 2013, p. 201-208; Halkon, 2008).<sup>5</sup> A riqueza mineral da Ilha parece ter desempenhado um papel importante, inclusive, no período romano, já que, além de prover cães de caça, gado e escravos, a província da Britânia abastecia o Império com “ouro, prata e ferro” segundo o relato de Estrabão.<sup>6</sup>

É preciso reconhecer, no entanto, que a historiografia do primeiro milênio a.C. bretão tem superdimensionado achados altamente embelezados, como os mencionados anteriormente, em detrimento de artefatos não adornados ou de uso cotidiano. Além disso, os objetos icônicos do período são frequentemente discutidos em termos de uma história da arte mais generalizante. Há uma ênfase, assim, em aspectos puramente estéticos e a atividade metalúrgica é discutida de modo semelhante à produção de manuscritos cristãos adornados com arte de tipo “celta”, encontrados em regiões como a Irlanda (Aldhouse-Green, 1997; Laing; Laing, 1995; Megaw; Megaw, 2011).

Análises contextuais, no entanto, como as realizadas a respeito do material de Yorkshire por Giles (2007b) e Halkon (2011; 2017) têm buscado reparar esse cenário, ao “colocar o ferro de volta na Idade do Ferro”, como escreve Halkon (2017, p. 205). Elas chamam a atenção

<sup>4</sup> Importante fazer a ressalva de que o emprego de técnicas e padrões semelhantes de embelezamento não se traduz obrigatoriamente para objetos não metálicos; ao contrário, muitos destes, por vezes, apresentam um visual intencionalmente simples, desprovidos de grandes adornos, como é o caso de muitas cerâmicas bretãs, mesmo aquelas encontradas em contextos funerários como as de East Yorkshire (Chittock, 2016).

<sup>5</sup> O desenvolvimento da metalurgia nas Ilhas Britânicas já foi examinado em maiores detalhes em Budd et al. (1992). Para discussões expandidas e atualizadas sobre o assunto conferir os trabalhos de Garstki (2019) para a Irlanda, Cunliffe (2013) para a Grã-Bretanha e estudos contextuais como os de Halkon e Starley (2011) e Giles (2007b).

<sup>6</sup> Estrabão, *Geografia*, IV, 5, 2.



para a premência de estudos que incluam discussões sobre o paleoambiente e seus recursos disponíveis, os diferentes contextos de produção, os ciclos e ritmos de determinados trabalhos em função da vida agropastoril, o estudo de objetos não embelezados e uma contextualização mais crítica de ofícios particulares a partir do estudo de configurações sociais observáveis em assentamentos e cemitérios. O estado da arte vem enfatizando, pois, abordagens mais problematizadas e contextuais, baseando-se cada vez menos em (pré)concepções construídas em torno de um monolítico estatuto social da figura do ferreiro, por exemplo (Hingley, 2006).

Hoje sabemos que a tecnologia do ferro já estava presente, ainda que de maneira esporádica, antes do período cronológico tradicionalmente atribuído à Idade do Ferro na Grã-Bretanha. Nesse sentido, um sítio do sudeste inglês é particularmente revelador: Hartshill Copse, em West Berkshire. Lá as escavações de um assentamento, em 2003, revelaram uma quantidade considerável de escamas de martelo – denominação atribuída ao subproduto do processo de forjamento do ferro –, atestando que trabalhos metalúrgicos em ferro já estavam em voga em determinadas regiões, em pleno século X a.C. (Collard et al., 2006).

Apesar desses dados, a descoberta de ferramentas em contextos bretões antigos é relativamente incomum. Descobertas de utensílios metalúrgicos durante a Idade do Ferro são esporádicas e algumas das mais antigas datam dos séculos V/IV-II a.C., como em Fiskerton (Lincolnshire) e Brendon Hill (Worcestershire) (Fell, 1998, p. 220-22). A maior parte dos equipamentos encontrados na Ilha, no entanto, são de cronologias tardias, em torno do séc. I a.C./d.C.. Eles provêm de assentamentos, como Glastonbury (Somerset), Gussage All Saints (Dorset) ou Garton Slack (East Yorkshire), onde evidências de atividades metalúrgicas obtidas em âmbitos metalográficos são, ainda, reforçadas pela descoberta de eventuais ferramentas, como tenazes, martelos e limas de ferro. Além disso, alguns sítios, como West Brandon (Durham) produziram também evidências, como fornos de fundição, embora, em regra, muitas dessas estruturas não sejam facilmente identificadas (Cunliffe, 2005, p. 495-496). Ferramentas são encontradas também junto a tesouros ocultados (*hoards*), como é o caso das deposições em Bulbury (Dorset), Waltham Abbey (Essex), South Cadbury Castle (Somerset) e Lyn Cerrig Bach (Anglesey), por vezes próximo a outros itens, como ferramentas de carpintaria, peças de carros e armas (Fell, 1997, p. 79-81; 1998, p. 220-222; Manning, 1972; 2011, p. 73).

O contexto mortuário oferece uma oportunidade analítica única. Afinal, permite estabelecer correlações, ao menos no âmbito funerário, entre a ocorrência de ferramentas e determinados indivíduos, de modo a entender quais construções sociais e atributos seriam associados a esses implementos, ainda que de um ponto de vista retórico. Esse é um ponto de partida valioso, já que associações do tipo não são visíveis em achados provenientes de tesouros, assentamentos e deposições aquáticas.

## As tumbas com ferramentas do norte bretão: East Yorkshire

Apesar de East Yorkshire produzir uma considerável quantidade de inumações, se comparada a outras regiões da Idade do Ferro bretã, o número de tumbas com ferramentas é baixíssimo.<sup>7</sup> Em linhas gerais, há meia dúzia de ocorrências, nesse sentido, o que as tornam mais raras que outras modalidades excepcionais, como tumbas com carros. Isso, aliás, levando-se em consideração, tal qual a historiografia do período o faz, a ocorrência de facas, podemos pensá-las, para além de armas, também como ferramentas, já que costumam aparecer em conjunção a tais itens (Giles, 2012, p. 160). De fato, como alerta Halkon (2020a, p. 11-12), se pensarmos a proporção de itens encontrados em contextos funerários, objetos de ferro estão presentes relativamente em pequena escala na Idade do Ferro insular, levando-se em consideração a quantidade de sepultamentos identificados, o que indicaria que artefatos do tipo possuísem considerável valor social.

No entanto, a pífia incidência de ferramentas em contextos funerários deve ser atribuída a outro fator, além de seus possíveis valores em termos de esforço e alocação de recursos. É muito provável que ferramentas associadas a certos ofícios, como a metalurgia, estivessem carregadas de poderosos simbolismos e sua deposição fosse altamente seletiva, como argumenta Giles (2007b). Esse ponto é reforçado pela presença de ferramentas em contextos muito ritualizados, como atestam deposições votivas variadas em tesouros encontrados em turfeiras, como é o caso de Llyn Cerrig, ou em vales inundados, como em Waltham Abbey (Manning, 1972).

Em Yorkshire, deposições ritualizadas de ferramentas são observáveis também fora da esfera funerária. Um caso icônico foi encontrado em Garton-Wetwang Slack. Lá, um silo utilizado para armazenamento de grãos foi cuidadosamente preenchido na parte mais profunda com um conjunto de ferramentas metalúrgicas, que incluíam um tenaz, um atizador e um *paddle*, todas embrulhadas em palha, abaixo de um cesto cheio de 630g de grãos de cevada debulhados, peneirados e carbonizados (Brewster, 1980, p. 686; Giles, 2007b, p. 395).

Silos de armazenamentos de comida eram, aliás, alvos recorrentes de deposições ritualizadas na Idade do Ferro bretã. Em regiões do centro-sul inglês, como em Danebury, poços do tipo costumavam ser reutilizados, inclusive, para fins mortuários (Cunliffe, 1992). Se retornarmos à leitura feita por Giles (2007b; 2012, p. 232-233), a autora identifica paralelos entre a natureza de determinadas tarefas agrícolas e aquelas da metalurgia, considerando que, talvez, ambas fossem percebidas em termos de seus poderes transformativos, associadas a atributos de fertilidade e produção. Tal situação poderia ter contribuído para o número limitado de deposições funerárias, já que tanto esses objetos como seus detentores poderiam ter sido percebidos como detentores de certos atributos ou poderes especiais.

<sup>7</sup> Cemitérios da Idade do Ferro na região de Yorkshire, como os de Arras e Danes Graves, foram amplamente escavados desde o séc. XIX por antiquários como *canon* William Greenwell e John Robert Mortimer revelando uma complexa paisagem mortuária. Desde então, nos dias atuais, há registros de mais de mil inumações para o período. A maior parte data dos séculos IV-II a.C., embora casos anteriores entre os séculos VIII-VI a.C. tenham sido encontrados no cemitério de Melton. Uma excelente discussão do material pode ser encontrada em Giles (2012) e, mais recentemente, em Halkon (2020b).



A baixa incidência de tumbas com ferramentas pode, no entanto, ter sido condicionada também por fatores de ordem cronológica, pois, até hoje, todos os sepultamentos do tipo encontrados em Yorkshire, sem exceção, datam da última fase de uso dos cemitérios, em torno do século I a.C.. Esse é um período de crescente instabilidade e de mudanças profundas nas relações sociais, marcado por intensificações das diferenças entre os gêneros e reconfigurações de assentamentos e de noções de pertencimento e identidades (Atha, 2007; Giles, 2007a; Giles et al., 2020, p. 52; Haselgrove, 2004). O número reduzido de achados, portanto, pode estar relacionado com o fato de tratar-se de um período de declínio de inumações e do uso formal de cemitérios. Ainda, é interessante observar que é apenas na Idade do Ferro Tardia que ferramentas passam a integrar o mobiliário funerário utilizado por comunidades bretãs antigas em seus sepultamentos, provavelmente como resposta às instabilidades sociais testemunhadas nesse período.

Em Yorkshire, todos os enterramentos com ferramentas estavam situados ao longo de um vale conhecido como Great Wolds, nos cemitérios encontrados em Rudston e Burton Fleming que, juntos, revelaram um total de 279 inumações. Os achados foram escavados ao longo de uma década, entre 1967-78, e estão hoje alocados no Museu Britânico, em Londres, tendo sido consultados, em ocasião prévia, pelo autor. Além disso, o inventário completo do material e respectivos comentários, relatórios técnicos e resultados de análises laboratoriais encontram-se devidamente acessíveis e publicados em Stead (1991). É possível, no entanto, que o número de tumbas com ferramentas venha a aumentar nos próximos anos, haja vista que um cemitério encontrado em East Yorkshire em 2014, em Pocklington, continua a ser escavado e os achados parciais ainda não foram devidamente catalogados ou publicados, salvo no caso de algumas descrições resumidas das descobertas (Stephens; Ware, 2020).

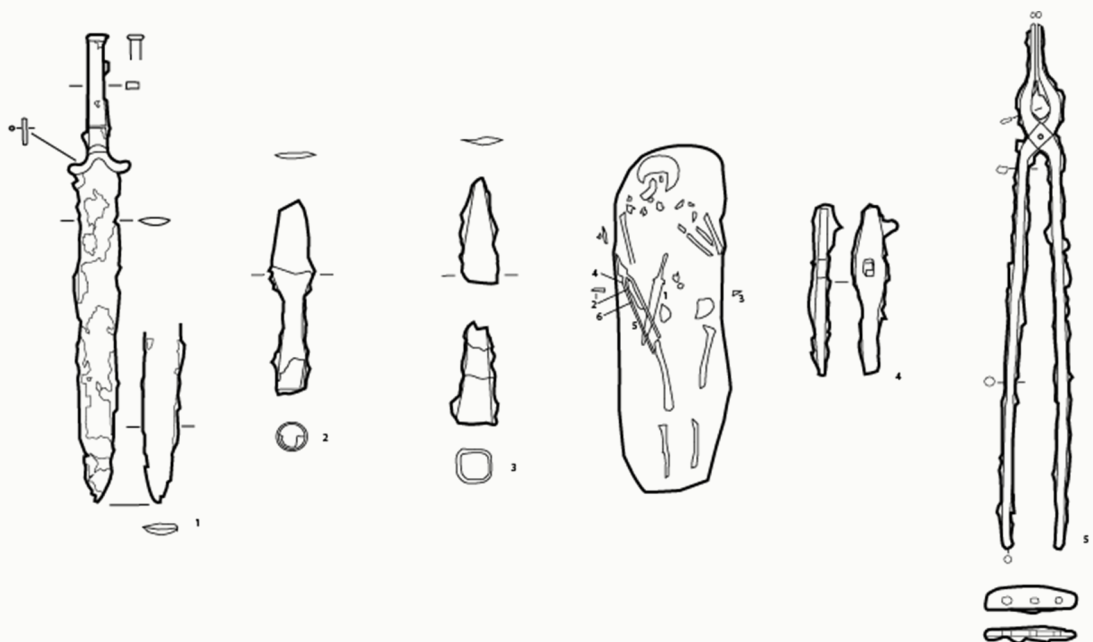
Os sepultamentos com ferramentas encontram-se inseridos na paisagem funerária local, conforme a maior parte dos casos observados. Não há um processo de isolamento ou segregação mortuária. Por se tratar de enterramentos tardios, situavam-se em interstícios, como a inumação de BF63 localizada entre duas outras tumbas (BF61 e BF64), ou em direta proximidade com tumbas mais antigas, como é o caso de R154 construída em imediata adjacência a R155 e R156. Todas as tumbas com ferramentas enquadram-se na classificação de tipo-B, de acordo com a tipologia de sepultamentos formulada para a Idade do Ferro na região (Dent, 2010; Giles, 2012; Stead, 1991). Elas contêm inumações orientadas em sentido leste/oeste, com crânios voltados na direção norte/sul em posição semi-fletida ou em decúbito, e datam da fase mais tardia de uso dos cemitérios. Dois dos enterramentos foram delimitados por fossos circulares (a saber, R141, R154), embora o restante não contenha qualquer demarcação do tipo, tal qual a maior parte de tumbas deste período. Válido lembrar que as icônicas fossas quadrangulares que caracterizam a paisagem funerária da Idade do Ferro Média (c. 400-100 a.C.) entraram em gradativo desuso na Idade do Ferro Tardia (cf. Stoertz, 1997).

De todos os sepultamentos, R154 é o que contava com a maior quantidade de itens, sendo, também, um dos mais icônicos (Figura 2). A análise osteológica dos remanescentes humanos avalia que o indivíduo enterrado era muito provavelmente do sexo masculino, tendo morrido com 17-20 anos de idade. Seu corpo foi encontrado na cova em decúbito dorsal, com o braço esquerdo dobrado sobre o peito e acompanhado por uma espada de 450mm





situada à altura do quadril, do lado direito de seu corpo. Próximo ao úmero direito, um martelo foi encontrado: sua cabeça, feita de ferro, media cerca de 82mm de comprimento e traços mineralizados atestam que seu cabo foi feito da madeira extraída de uma árvore pomóidea, como a macieira ou pereira. Ainda do lado direito do corpo, postos imediatamente sobre a espada e o braço direito, foram encontrados um tenaz de 513mm e um acoplador de 90mm. Ambos foram cuidadosamente embrulhados em um material têxtil antes de sua deposição, criando um performático efeito de preservação e ocultamento (Fell, 1991; Stead, 1991).



**Figura 2.** O sepultamento de R154. Artefatos em ordem: (1) uma espada com bainha; (2 e 3) duas pontas de lanças; (4) uma cabeça de martelo; (5) um tenaz e (6) acoplador. A cova foi construída em sentido leste-oeste, o indivíduo foi colocado nela em decúbito dorsal e sua face aparece voltada para o norte.

**Fonte:** Elaborado pelo autor, baseado em Stead, 1991

Além da espada, o indivíduo sepultado contou com outras honras marciais: ele foi enterrado com um escudo de madeira e duas lanças foram arremessadas contra sua cova. Ambas as pontas das lanças foram confeccionadas como armas insubstanciais, atendendo a fins performáticos, e se quebraram no choque resultante da ação (uma na extremidade e outra na metade).<sup>8</sup> O sepultamento de R154, aliás, não é o único onde o arremesso de lanças aparece junto a ferramentas. Paralelos podem ser identificados nas tumbas de R50 e BF63. Nelas, novamente, indivíduos do sexo masculino em idade adulta, 17-25 e 25-35 anos respectivamente, foram enterrados cada qual com um lança enfiada em suas covas: dessa vez, sem quebrar ou atingir os corpos. Ambos estavam acompanhados por facas de tipos distintos que mediam entre 130-140mm. As facas, que provavelmente estavam associadas a ofícios manuais de naturezas distintas, foram colocadas, em ambos os casos, do lado direito dos corpos: em R50, imediatamente abaixo da mão do braço direito que estava dobrado; em BF63 entre o cotovelo direito e o tórax (Stead, 1991).

<sup>8</sup> O autor já discutiu o ato de espetar tumbas na Idade do Ferro bretã, arremessando lanças aos mortos durante seus funerais, em maiores detalhes em Peixoto (2019).

Facas, aliás, são os instrumentos que aparecem em maior número. Em R45 uma delas foi depositada em cima do cotovelo direito de uma pessoa do sexo masculino, que morreu em idade adulta avançada para os padrões da época, com mais de 45 anos. Sua lâmina revelou traços mineralizados de madeira, indicando que o objeto fora provavelmente guardado em uma bainha ou estojo de madeira. Já em R141, uma faca foi encontrada com os remanescentes humanos de uma pessoa com a idade de 17-25 anos, mas cujo sexo não pôde ser determinado devido a contraindicações e à condição do material esquelético. A faca estava imediatamente situada junto a outras ferramentas, a saber: uma sovela (item utilizado em especial em curtumes e carpintarias), uma lima (usada para polir e desbastar peças) e uma ponta de galhada trabalhada (usada como prendedor ou perfurador). Todos esses objetos estavam agrupados do lado direito do morto, próximos às costas, como se compusessem um conjunto de peças relacionadas a ofícios manuais (Stead, 1991, p. 79, 202). Dada suas posições, é provável que as peças itens tenham sido colocadas em uma sacola ou prendidas de alguma forma, antes de terem sido depositadas na cova. Além desse equipamento, foram depositadas partes do crânio e do membro anterior direito de um porco à altura do quadril do morto.

Por fim, ferramentas foram encontradas também em um enterramento em R87. Essa tumba, aliás, apresenta algumas semelhanças com as de R154. Aqui, novamente, um indivíduo muito provavelmente do sexo masculino morto entre 17-25 foi enterrado com um martelo, cuja cabeça feita de ferro media 73mm, encontrado no lado esquerdo do quadril, e uma adaga de ferro feita com o punho em osso que media 315mm de comprimento e foi colocada ao lado do braço direito, a altura do úmero. A cova revelou também um fragmento não identificável de ferro em seu preenchimento.

### **As tumbas com ferramentas do sul bretão: King Harry Lane e Whitcombe**

Embora registros comparáveis aos encontrados em Yorkshire sejam extremamente raros, alguns paralelos podem ser traçados com casos encontrados em King Harry Lane (Hertfordshire) e Whitcombe (Dorset). King Harry Lane é um sítio funerário da Idade do Ferro tardia do sul inglês, cuja atividade data dos anos 1-60 d.C. (Stead; Rigby, 1989). Situado imediatamente do lado de fora dos muros do assentamento de Verulamium (St. Albans), o sítio abrigava um total de 455 cremações e 17 inumações acompanhadas por bens variados que incluíam desde broches, espelhos, itens de toalete pessoal e até equipamentos de bebida, embora armas estivessem, curiosamente, ausentes. O local foi amplamente escavado entre 1965-68, com os achados transferidos para o Museu Britânico. Subsequentes relatórios científicos e o catálogo completo dos achados foram publicados por Stead e Rigby (1989).

Ainda que lacunares, alguns sepultamentos em King Harry Lane atestam que nessa região ferramentas também estavam sendo incorporadas, em contextos tardios, ao mobiliário funerário. A tumba KHL 295 é um exemplo, nesse sentido. Ela data da última fase (n.4) de uso do cemitério e abrigava uma cremação adulta colocada em uma caixa de madeira com itens metálicos, alguns deles provavelmente presos ao recipiente. Junto à cremação, um martelo, cuja cabeça de ferro media 86mm, foi depositado. Este era, aliás, um exemplar típico de martelo de face plana utilizada em trabalhos metalúrgicos.



Um segundo artefato do tipo foi encontrado com uma cremação adulta em uma urna na tumba KHL 456, que datava de 30-55 d.C.. Além da cerâmica importada de proveniência continental, do norte da Gália ou da Baixa Saxônia, foram encontrados também pregos de ferro e, novamente, um martelo, com a cabeça medindo 60mm, tipicamente utilizado em finos acabamentos metalúrgicos (Stead; Rigby, 1989, p. 106-107). Além dessas tumbas com martelos, uma miscelânea de facas de diferentes tipos foi escavada também junto a ações variadas (e.g. KHL 28, 45, 66, 77, 123, 202, 259, 316, 330, 403, 455). Apenas três delas, no entanto, estavam junto a remanescentes humanos que puderam ter seu sexo estimado: um em KHL 182 em condições que permitiram ser positivamente identificado como sendo do sexo masculino e outros dois em KHL 296 e 384 como provavelmente do mesmo sexo masculino (Stead; Rigby, 1989, p. 105). Nenhuma informação sobre o sexo dos indivíduos cremados pôde ser extraída das tumbas com martelo.

Em Whitcombe, a presença de ferramentas aparece, tal qual em Yorkshire, em conjunção à deposição de armas (Aitken; Aitken, 1990). A tumba em questão, W9, foi encontrada a cerca de 7km a leste de um grande assentamento fortificado em topo de colina, que domina a paisagem da região, conhecido como Maiden Castle. Ela compunha um conjunto de doze inumações do tipo dos Durotriges, isto é, uma tradição funerária típica de Dorset que data do séc. I a.C. e se estende até o primeiro quarto do séc. II d.C., caracterizada pela presença de inumações adultas em posições fletidas – a maior parte delas sobre o lado direito do corpo voltadas a leste, e, em geral, com poucas provisões, salvo algumas cerâmicas e ossadas animais (Fitzpatrick, 2007, p. 124). Esse sítio foi escavado entre 1965-67 e os achados encontram-se, hoje, abrigados no Museu de Dorset County. Seu catálogo e demais relatórios técnicos foram publicados na íntegra por Aitken e Aitken (1990).

A tumba aqui discutida data de cerca de 25-70 d.C.. Ela é o único sepultamento com armas encontrado em Whitcombe. Os remanescentes humanos em seu interior correspondem aos de um indivíduo do sexo masculino, morto entre 17-25 anos, colocado na cova orientado a sudeste e em posição semi-fletida sobre o lado direito do corpo. Seu crânio apresentava sinais de uma lesão incisa, isto é, causada por um objeto cortante, como espada ou lança, à altura do occipital (Redfern, 2005). A cova revelou um conjunto de itens diversos, que incluíam: uma espada, depositada do lado direito do morto, imediatamente próxima à perna direita; uma lança, atestada por sua ponta de ferro, à altura do tórax; um broche e uma fivela circular de bronze, à altura do ombro direito; uma fusaiola de tear de calcário e duas ferramentas, que consistiam em uma lima de ferro de 130mm e um martelo cuja cabeça de ferro media 111mm.

## Possibilidades Interpretativas

Os sepultamentos com ferramentas oferecem alguns pontos interessantes para reflexão. Embora o sexo das cremações com martelos em King Harry Lane e de uma das inumações em Rudston (R141) não possa ser estabelecido, os demais registros encontrados em Yorkshire e Whitcombe estão associados a indivíduos do sexo masculino em idade adulta: a maior parte entre 17-30 anos. Contudo, ainda hoje, o número de casos de que dispomos para estudo é limitado. Logo, certa cautela se faz necessária, já que não é possível inferir padrões



populacionais para esses achados, com bases em associações quantitativas. Contudo, a recorrência de ferramentas junto a homens em contextos funerários parece indicar, pelo menos com base nos dados atuais, que esses instrumentos fizessem parte de um discurso associado a uma identidade de gênero masculina. Essa possibilidade é reforçada pela deposição de armas, já que armamentos aparecem em contextos funerários também fortemente associados a indivíduos do sexo masculino, na maior parte dos casos, durante a Idade do Ferro bretã. Há, pois, uma poderosa combinação criada entre identidades marciais, expressas por intermédio de itens como espadas, escudos e lanças, e identidades metalúrgicas, onde ferramentas como tenazes, martelos e limas são encontradas lado a lado a armas.

Armas e ferramentas variadas eram, portanto, compatíveis – pelo menos, no âmbito funerário. Essa projeção é reforçada, inclusive, nos cemitérios do vale de Great Wolds, pela existência de ritos marciais altamente performáticos, como é o caso do arremesso de lanças em covas durante o sepultamento. Em Yorkshire, esse rito foi identificado em tumbas com armas e com carros nos cemitérios de Rudston, Burton Fleming, Garton Station, Kirkburn, Grimthorpe, Wetwang Slack e, mais recentemente, Pocklington, tendo sido, em todos os casos, dirigido a adultos do sexo masculino (Peixoto, 2019).

A associação entre armas e ferramentas é identificável também fora da esfera funerária. Casos contemporâneos aos sepultamentos aqui discutidos incluem o tesouro de Waltham Abbey, em Essex, onde ferramentas de carpintaria e metalurgia como duas goivas, cinco tenazes, três bigornas, uma marreta, uma lima, um atizador, dois alargadores e dois ganchos aparecem junto a partes de um carro, que incluíam um aro e um pino de roda, e armamento, no caso, uma espada (Humphreys, 2017). É possível, inclusive, traçar paralelos ancestrais com tesouros ocultados da Idade do Bronze Tardia, entre 1000-700 a.C., já que alguns continham também ferramentas misturadas a armas, como atestam descobertas realizadas em Boughton Malherbe (Kent), Havering (Londres), Tisbury (Wiltshire) e Crundale (Kent). Realidade semelhante é encontrada até junto a ferramentas de natureza agrícola, visto que essas também aparecem, por vezes, em conjunção a armamentos na primeira metade do primeiro milênio a.C., como no caso do tesouro encontrado em LLyn Fawr (Glamorgan).

A deposição de ferramentas em contextos funerários na Grã-Bretanha é, no entanto, um fenômeno tardio, ocorrendo majoritariamente a partir do séc. I a.C.. Esse é um truísmo, mesmo em regiões como Yorkshire, onde a maior parte dos vestígios encontrados de práticas funerárias remonta a períodos anteriores. Contudo, precedentes existem no Continente. Em determinadas regiões da Gália, ferramentas já estavam sendo incorporadas a discursos funerários na Idade do Ferro desde pelo menos o século III a.C.. Esse é o caso da tumba de Les Pleines, em Orval, no departamento francês da Mancha (Baixa-Normandia). Lá, dentro de uma tumba de 4.75m por 2.5m e 2m de profundidade, um carro de duas rodas foi depositado junto a indivíduo, cujos remanescentes foram profundamente afetados pela acidez do solo. Além do carro, que contava com partes como um pino de roda ricamente adornado, outros itens foram depositados. Eles incluíam um par de cisalhas/tesouras e lâminas, e itens de adornos, como uma fíbula e um anel de ouro. Além disso, ferramentas e armas foram encontradas. As ferramentas incluíam duas facas, um machado, dois martelos e uma foice, ao passo que o armamento correspondia a uma espada e uma lança (Lepaumier et al., 2011).



A presença de ferramentas na tumba de Les Pleines, em Orval, é notável por ocorrer não apenas junto a armas, mas também com um carro. As escavações em Les Pleines revelam, inclusive, que o assentamento local contava com pelo menos uma oficina metalúrgica bastante ativa, tendo produzido quantidade considerável de escórias de ferro e de liga de cobre características às atividades de forjamento como a martelagem e a soldagem: realidade semelhante é identificada, aliás, em mais da metade dos assentamentos da Idade do Ferro na região normanda (Zaour et al., 2014, p. 161).

Les Pleines não é único caso icônico onde ferramentas foram depositadas em sepultamentos conspícuos no norte francês. Em Roissy-en-France, a nordeste de Paris, no Val-d'Oise, uma tumba da primeira metade do séc. III a.C. continha uma inumação com ferramentas acompanhada também por um carro, cerâmicas, oferenda animal e itens de bronze variados, fazendo com que tenha sido batizada como "a tumba dos bronzes" (Lejars, 2005). Já em Marcilly-sur-Eure, na Normandia, uma cremação foi encontrada com ferramentas, escudo, espada, caldeirão e carro, datando da primeira metade do século II a.C. (Duval; Guy, 1993). Esses casos atestam, portanto, que ferramentas já faziam parte do vocabulário e repertório funerário utilizado por determinadas comunidades da Idade do Ferro no continente – um fenômeno que na Grã-Bretanha só irá ser adotado a partir do século I a.C., com base nas evidências que dispomos.

Em todo caso, os sepultamentos bretões com ferramentas estavam perfeitamente inseridos em suas respectivas paisagens funerárias. Esse é um dado de relevância social. É preciso lembrar que o desempenho de certas atividades, como a carpintaria, a obtenção de recursos, a atividades pastorícias, apenas para mencionar algumas, oferecia riscos reais e cotidianos à vida das comunidades bretãs antigas. Não à toa, a maior parte de incidência de traumas osteológicos observáveis em muitos sítios era de acidentes comuns à vida agrícola, ou lesões laborais (Giles, 2012, p. 101).

A metalurgia, em particular, era uma atividade de considerável periculosidade, sobretudo, em um mundo construído à base de materiais altamente inflamáveis – um risco que não era apenas individual, mas, coletivo. Uma combinação valiosa entre saberes e destreza física se fazia, portanto, necessária para trabalhar a forja. Assim, a antropologia de muitas sociedades pré-industriais está repleta de exemplos de associações criadas entre a metalurgia com outras atividades de risco, como a caça ou guerra, ou mesmo o exercício de liderança, além de projetarem, frequentemente, um conjunto de tabus e prescrições comportamentais a seu respeito (Herbert, 1993, p. 107, 132).

A capacidade de alterar o estado de matérias resistentes, reduzindo-as à liquidez, e de se criarem objetos, ora moldados pela primeira vez, ora reciclados, caros à sobrevivência como um arado, ou perigosos à vida como uma espada, faz da metalurgia um campo de atuação importante e, ao mesmo tempo, perigoso. Este é um dos motivos pelos quais autores como Giles (2007b) têm chamado a atenção para a necessidade de pensar a deposição de ferramentas em sepulturas para além de simples esquemas hierárquicos tradicionais, mas como discursos que celebravam as habilidades e os poderes (reais, ou não) de certos indivíduos e grupos, a partir de um conjunto de metáforas essenciais à vida, envolvendo atributos de geração, mudança e destruição.



A presença de sepulturas com ferramentas em cemitérios é um dado relevante, pois muitas comunidades bretãs antigas parecem ter lidado com a metalurgia, em especial, conferindo um caráter limiar e diferenciado (Hingley, 1990; 2006; Giles, 2007b). Tal noção é reforçada por inúmeros resíduos associados à atividade ou pelo formato de depósitos, frequentemente depositados em locais como pântanos, rios, lagos, ou quando, em contextos domésticos, em espaços limítrofes como a entrada de casas e áreas de passagem, além de que muitas oficinas metalúrgicas estavam relativamente afastadas dos assentamentos (Hingley, 1990; 2006; Giles, 2007b).

Por exemplo, em East Yorkshire, o caráter limiar da prática pode ser visto em sítios como o de Wetwang Slack onde, na área II, atividades metalúrgicas foram identificadas em um local afastado do assentamento, ao norte do vale; ou, ainda, em Kerk, no vale de Hull, onde uma oficina metalúrgica do séc. II-I a.C. foi encontrada em uma área circunscrita e isolada (Brewster, 1980; Halkon; Starley, 2011; Van de Noort, 2004). Uma interpretação possível seria a de que tal afastamento fosse uma forma de preservação de saberes que não deveriam ser livremente compartilhados, ou, ainda, de ressaltar o estatuto particular de alguns indivíduos, dadas suas habilidades especiais. É possível, no entanto, que o distanciamento tivesse também um caráter prático, minimizando danos colaterais causados por acidentes e incêndios, além de isolar gases e fumaças tóxicas para longe de ambientes domésticos.

Na esfera funerária, por outro lado, não há qualquer distanciamento físico entre os indivíduos sepultados com ferramentas e os demais. Todos os casos bretões foram encontrados no interior de cemitérios junto aos demais membros de suas comunidades e nos cemitérios mais antigos, como em Rudston, há inclusive um esforço de proximidade construído entre as gerações sepultadas. Além disso, os tratamentos adotados nas sepulturas com ferramentas seguem os ritos observáveis em suas respectivas regiões em todos os tocantes, como a forma de deposição do corpo, orientação e morfologia das tumbas.

A deposição de ferramentas em contextos funerários dos séculos I a.C./d.C. na Grã-Bretanha direcionava-se, portanto, a indivíduos que estavam perfeitamente integrados a suas comunidades. Alguns deles, como vimos, contaram, inclusive, em seu sepultamento, com itens importados do continente, como a cremação de KHL 456 (Stead; Rigby, 1989, p. 390). Outros receberam oferendas animais que faziam referências à promoção de ritos de comensalidade como banquetes fúnebres, tal qual observado na tumba de R141 (Stead, 1991, p. 202). Há um engajamento e reconhecimento social, portanto, por trás desses sepultamentos: essas não eram as tumbas de indivíduos marginais.

Outro ponto a ser ressaltado é que as ferramentas encontradas não eram puramente representativas ou simbólicas. Ao contrário, eram objetos funcionais, todos em plenas condições de uso. Há uma dupla relevância nessa constatação. Primeiramente, é importante ressaltar que ferramentas encontradas em outros contextos para além da esfera funerária foram intencionalmente quebradas ou dobradas ao meio, em alguns casos, como no tesouro em Waltham Abbey, em Essex, que entre as ferramentas contava com cinco tenazes e um atizador (Humphreys, 2017, p. 15). Em segundo lugar, é pertinente assinalar que práticas análogas de destruição também ocorrem em contextos funerários. Em Yorkshire, por exemplo, a espada na



tumba de Acklam fora intencionalmente dobrada ao meio antes de ser depositada, de modo análogo à espada e ferramentas encontradas em Waltham Abbey (Dent, 1983).

Além disso, alguns sepultamentos revelaram itens não funcionais, como é o caso da tumba com carro em Arras, Yorkshire, apelidada de King's Barrow, na qual os anéis de rédeas depositados não eram um par exato e a embocadura para cavalo encontrada era disfuncional (Stead, 1979). Hoje, contamos com indícios, inclusive, de artefatos que foram intencionalmente confeccionados de modo insubstancial. Por exemplo, em Yorkshire, as lanças arremessadas ao morto ou a cova durante os funerais tinham pontas confeccionadas com qualidade notoriamente inferior às demais, sendo mais propensas a se quebrarem, o que reforçava o efeito dramático do ato (Stead, 1991, p. 33, 75). Esse fenômeno, aliás, é observável nas duas pontas de lanças encontradas em R154, um dos sepultamentos com ferramenta do vale de Great Wolds.

Há, também, uma aproximação simbólica construída com a posição de determinadas ferramentas e seu uso real em vida. Embora as cremações não ofereçam quaisquer informações nesse sentido, as inumações atestam ferramentas colocadas no lado direito dos corpos, à altura do braço/mão, como se simulassem seus usos. Esse efeito é ainda reforçado pelo estado de determinados instrumentos que atestam usos prévios. O tenaz encontrado em R154, por exemplo, tinha uma escória ferrosa ainda entremeada em seu corpo – um subproduto do processo de fundição na forja. Além disso, o martelo encontrado na mesma tumba tinha também as extremidades de sua cabeça ligeiramente arredondadas, provavelmente devido ao uso e desgaste (Fell, 1991, p. 79-80). Em R87 tanto o martelo como a adaga apresentavam sinais de uso e estavam ligeiramente danificados, e o mesmo é observado nas facas depositadas em BF63 e R45.

Mas até que ponto os indivíduos sepultados com ferramentas faziam de fato uso delas em vida? Essa é uma questão em aberto. É difícil precisar, inclusive, se essas pessoas teriam exercido quaisquer funções como a metalurgia durante suas vidas. A tendência comum, no entanto, é assumir que há uma correlação direta, como frequentemente ocorre na historiografia de língua francesa. Assume-se, portanto, que indivíduos enterrados com ferramentas fossem, nesse sentido, “ferreiros/artesãos”, do mesmo modo que indivíduos enterrados com armas seriam “guerreiros”. Essa é uma suposição duplamente perigosa. Em primeiro lugar, desconsidera um conjunto de cuidados teórico-metodológicos necessários no tratamento dos dados, pois os mortos não enterram a si. Logo, mais do que um espelho da realidade, seus sepultamentos devem ser encarados como uma criação ativa, fruto de inventividades sociais diversas e uma arena para projeções idealizadas individuais e coletivas (Parker Pearson, 2002).<sup>9</sup>

— Em segundo lugar, o imediatismo de tais explicações não condiz com as realidades materiais da Idade do Ferro bretã. Collis (1994), por exemplo, já demonstrou ser um equívoco atribuir um estatuto guerreiro imediatamente a todos os indivíduos sepultados com armas. Subsequentes análises, como as de Hunter (2005) e James (2018), têm, de modo análogo,

<sup>9</sup> Muitos desses cuidados foram levantados nas décadas de 1970-90 como parte de um conjunto de renovações intelectuais que ficou rotulado como “pós-processualismo”. No século XXI, esses debates têm sido expandidos consideravelmente. Para a cultura material da morte, conferir, particularmente, alguns dos desdobramentos apresentados no volume editado por Stutz e Tarlow (2013).

reexaminado criticamente a figura guerreira projetada em contextos bretões antigos e exercícios do tipo já foram empreendidos, até mesmo, a níveis osteológicos, no estudo de remanescentes humanos por King (2010). A realidade material da Idade do Ferro bretã é, portanto, mais complexa do que frequentemente se tende a imaginar. Destarte, a historiografia do período tem desconstruído, desde a década de 1990, esquemas explicativos totalizantes baseados na ideia de uma sociedade “céltica” altamente hierarquizada, que teria em seu topo chefes/reis, seguidos por uma elite de “homens da arte”, como druidas, bardos, ferreiros/artesãos e, por fim, em sua base, fazendeiros (cf. modelo ilustrativo em James, 2005, p. 53).

Hoje, já se reconhece que existem bases materiais profícuas e suficientes para pensar de maneira mais dinâmica e complexa a existência de sistemas competitivos e cooperativos fortemente afetados por negociações intra- e inter-regionais em diferentes níveis. Há espaço para uma discussão de hierarquias de habilidades ou hierarquias situacionais, heterarquias, sociedades segmentárias, modelos de interação entre pares políticos (*peer polity interaction*) e até igualitarismo (Champion; Champion, 1986; Giles, 2012; Hill, 2012; Collis, 2020; Armit, 2020; Currás; Sastre, 2020; Hingley, 2020).

Discussões recentes têm colocado abaixo também a visão tradicional formulada sobre a metalurgia bretã: isto é, que a atividade teria sido exercida apenas por pessoas que se dedicavam a ela em tempo integral, sob o controle verticalizado de um chefe-patrono. Embora a extração de minérios, o tratamento dos metais, a fundição em forja e a fabricação de itens mobilizassem diferentes indivíduos, esses estágios de produção poderiam ocorrer de modo heterárquico, como evidencia Ehrenreich (1991, 1995, 2008) a partir do estudo da Idade do Ferro no centro-sul bretão. A maior parte dos assentamentos bretões apresentam vestígios de atividades metalúrgicas em pequena escala e em prazos curtos (Hill, 1995, p. 63).

Logo, é provável que trabalhos em forja não fossem desempenhados, na maior parte dos casos, de modo integral, mas complementarmente e conforme rituais próprios (Giles, 2007b). Afinal, diferentemente das atividades agropastoris, a metalurgia possuía um ritmo próprio: ela não estava limitada às estações do ano e poderia ser realizada com relativa flexibilidade em momentos de baixa produtividade agrícola, conforme as demandas do período (Giles, 2007b, p. 398). É muito provável, aliás, que não haja uma explicação única para todos os casos e que, em partes, houvesse um conhecimento comum generalizado da metalurgia básica, em outros, trabalhos especiais eram executados por especialistas com saberes e habilidades que os distinguiam dos demais e, não obstante, que certa itinerância por parte de alguns indivíduos também ocorresse.<sup>10</sup> Há que se levar em consideração ainda, um conjunto de configurações particulares existentes a níveis regionais, e alguns autores como Cunliffe (2005, p. 513-531) chegam, inclusive, a falar de “escolas metalúrgicas” regionais.

<sup>10</sup> A ideia de uma itinerância metalúrgica, isto é, de que indivíduos especializados circulassem entre diferentes regiões levando consigo e aprendendo saberes práticos e tecnológicos, está presente desde o séc. XIX nos escritos de célebres antiquários do período, como John Evans (1881, p. 477). Na primeira metade do séc. XX, essa ideia ganha particular peso dentro de uma lógica difusionista, sobretudo, graças ao trabalho de Gordon Childe (1930, p. 10; 1949, p. 163) sobre a Idade do Bronze. Apesar de ter sido criticada na segunda metade do séc. XX, essa teoria tem sido revisitada na contemporaneidade por estudos de mobilidade antiga. Um exemplo disso é o trabalho de Heide Nørgaard (2014) sobre a cultura material da Idade do Bronze nórdica e a possibilidade de se identificar “artesãos” individuais e oficinas a partir de um exame detalhado da morfologia de alguns artefatos.

Seja como for, a presença de ferramentas em sepultamentos bretões indica que poderosas mensagens sociais estavam sendo criadas nos séculos I a.C./d.C. em torno da metalurgia e de demais trabalhos manuais. Achados como o de Whitcombe revelam, inclusive, que essas associações poderiam referenciar também atividades como a tecelagem, já que o indivíduo sepultado nessa cova contava com uma pequenina fusaiola. Esse é um caso icônico, uma vez que itens do tipo nas regiões do norte bretão, como em Yorkshire, parecem estar associados de modo quase exclusivo a indivíduos do sexo feminino (Giles, 2012), embora no sul isso não ocorra, como atestam outros casos identificados com indivíduos do sexo masculino em White Horse Stone (Kent) e em Casterley Camp (Wiltshire) (Hayden; Stafford, 2006, p. 163; Whimster, 1981, p. 312).

Encontramos, assim, variações regionais em potencial: nesse caso, sobre como determinados itens da cultura material eram usados de modo a assinalar gênero em contextos funerários. Tumbas como a de Bryher, nas Ilhas Scilly, onde uma espada, escudo e espelho aparecem juntos a uma inumação cujo sexo é desconhecido, indicam que conexões eram construídas entre mobiliário funerário e atributos de gênero de modo mais complexo que tipicamente se considera, inclusive, com objetos historiograficamente considerados como excludentes (Johns, 2006; Jordan, 2016).

Os sepultamentos bretões com ferramentas sugerem uma conexão entre tenazes, sovelas, martelos, limas, etc. com pessoas do sexo masculino. Quando os remanescentes humanos puderam informar sobre os mortos, 70% dos casos são encontrados com indivíduos na faixa etária entre 17 e 30 anos. Esse dado é um indício de que, tal como ocorre com armas, ferramentas estavam sendo associadas na Idade do Ferro Tardia a determinados ideais e identidades masculinas.

A linguagem utilizada aparece fortemente vinculada ao universo de enfrentamentos armados, talvez, como resposta às crescentes tensões testemunhadas na Grã-Bretanha durante o séc. I a.C., subsequentemente, agravadas pela expansão romana. A tumba de Whitcombe revela que essas associações, em alguns casos, transcendiam a esfera funerária: a lesão incisa encontrada no crânio do indivíduo sepultado é prova de que ele esteve em vida envolvido em algum tipo de enfrentamento armado. Muito provavelmente, a espada depositada consigo na cova reforçava a imagem idealizada por parte daqueles que o enterraram. Talvez a deposição de ferramentas com armas fizesse parte de uma estratégia funerária poderosa, por parte de alguns indivíduos e suas famílias, conciliando duas atividades perigosas com valores de masculinidade e reconhecimento social, em particular, durante um período quando jovens figuras masculinas parecem, cada vez mais, adquirir peso na balança de poder da sociedade.

A ocorrência dessas ferramentas junto a materiais de banquete, itens importados ou espadas, escudos e lanças – algumas dessas, por vezes, arremessadas performaticamente durante o funeral –, reforça a importância de interpretar esses sepultamentos para além de esquemas explicativos tradicionais que reduzem os achados a meros rótulos artificiais, como a “tumba de um guerreiro” ou “a tumba de um artesão”.

Há, portanto, um desconforto nítido no modo como determinados achados são apresentados. Como explicar, por exemplo, numa lógica tradicional, a presença de ferramentas em tumbas com carros, como ocorre no norte francês? Ao discutir o sepultamento de Roissy, Val-d'Oise, Lejars (2005) evidencia como sua argumentação se encontra em uma encruzilhada nesse sentido. "Se é difícil imaginar a hipótese de que esta é uma tumba de artesão", escreve o autor, por se tratar de um sepultamento monumental com carro, "ao invés de ver aí um sujeito que execute, pode-se perguntar até que ponto este personagem não exerceu um controle sobre esta atividade e, mais ainda, se não se tratava daquele que concebeu seu programa iconográfico" (Lejars, 2005, p. 80). Com efeito, essa costuma ser a alternativa proposta. Tal lógica não demanda demasiado esforço reflexivo crítico ou que, tampouco, nos questionemos sobre ideias pré-concebidas projetadas sobre a Idade do Ferro. Mantem-se o modelo chefe-artesão e a noção da tumba como espelho da realidade; muda-se apenas o enfoque dado ao achado: ao invés de atestar o uso por parte do indivíduo, as ferramentas seriam um símbolo de controle sobre outrem. Afinal de contas, indivíduos envolvidos em atividades metalúrgicas ou manuais não são pensados como possuidores de alto prestígio social.

No entanto, os sepultamentos apontam para uma realidade oposta. Eles não traduzem uma visão da realidade em preto e branco, mas seu oposto: cerâmicas importadas aparecem lado a lado a itens de proveniência local como um martelo; ritos marciais eram executados em tumbas onde tenazes, sovelas e limas eram depositados; referências a práticas de comensalidade eram, por vezes, construídas e tumbas eram erguidas em proximidade às demais da região. Além disso, a presença de ferramentas como martelos, ataçadores e tenazes, em deposições votivas, e tesouros ocultados reforça, por sua vez, que em diferentes regiões da Grã-Bretanha esses artefatos estavam imbuídos de um valor considerável.

Ainda que sejam poucas, as tumbas com ferramentas de Rudston, Burton Fleming, King Harry Lane e Whitcombe fornecem um ponto de partida e um porto seguro para reflexão. Mais ainda, proporcionam algumas bases materiais para um necessário exercício de renovação crítica e analítica. Entre fragmentos, objetos enferrujados, pó e ossos, a cultura material da morte, em sua singela fragilidade, convida a escrever histórias de indivíduos e comunidades frequentemente ignorados e que, de outra forma, continuariam esquecidos. O esforço é árduo, mas o silêncio é uma alternativa pior.

## Referências bibliográficas

Aitken, G. M.; Aitken, G. N. (1990). Excavations at Whitcombe, 1965–1967. *Proceedings of the Dorset Natural History and Archaeological Society*, 112, 59–94.

Aldhouse-Green, M. J. (1997). *Celtic art: Symbols & Imagery*. New York: Sterling Pub. Co.

Armit, I. (2020). Hierarchy to anarchy and back again: Social transformations from the Late Bronze Age to the Roman Iron Age in Lowland Scotland. In B. X. Currás; I. Sastre. *Alternative Iron Ages: social theory from archaeological analysis* (pp. 195-217). London: Routledge.

Atha, M. (2007). *Late iron age regionality and early Roman trajectories (100BC-AD200): a landscape perspective from eastern Yorkshire*. [Thesis, University of York, York].



- Brewster, T. C. M. (1980). *The excavation of Garton & Wetwang Slacks*. Malton: East Riding Archaeological Research Committee.
- Budd, P. et al. (1992, september). The early development of metallurgy in the British Isles. *Antiquity*, 66 (252), 677–686.
- Champion, T.; Champion, S. (1986). Peer polity interaction in the European Iron Age. In C. Renfrew; J. F. Cherry. *Peer polity interaction and socio-political change* (pp. 59-68). Cambridge: Cambridge Univ. Press.
- Childe, V. G. (1930). *The bronze age*. Cambridge: Cambridge Univ. Press.
- Childe, V. G. (1949). *Prehistoric Communities of the British Isles*. London: W & R Chambers.
- Chittock, H. (2016). Technical Weakness or Cultural Strength? Shapeless Jars in Iron Age East Yorkshire. In G. J. R. Erskine et al. *Proceedings of the 17th Iron Age Research Student Symposium, Edinburgh, 29th May-1st June 2014* (pp. 28-35). Oxford: Archaeopress.
- Collard, M. et al. (2006). Ironworking in the Bronze Age? Evidence from a 10th Century BC Settlement at Hartshill Copse, Upper Bucklebury, West Berkshire. *Proceedings of the Prehistoric Society*, 72, 367–421.
- Collis, J. (1994). Reconstructing Iron Age society. In K. Kristiansen; J. Jensen. *Europe in the first millennium BC* (pp. 31-39). Sheffield: J. R. Collis Publications.
- Collis, J. (2020). Reconstructing Iron Age Societies: What went wrong. In B. X. Currás; I. Sastre. *Alternative Iron Ages: social theory from archaeological analysis* (pp. 95-108). London: Routledge.
- Cristiani, E. et al (2018, December). Dental calculus and isotopes provide direct evidence of fish and plant consumption in Mesolithic Mediterranean. *Scientific Reports*, 8 (1), 8147.
- Cunliffe, B. (1992, march). Pits, preconceptions and propitiation in the British Iron Age. *Oxford Journal of Archaeology*, 11 (1), 69–83.
- Cunliffe, B. (2005). *Iron Age communities in Britain: an account of England, Scotland and Wales from the seventh century BC until the Roman conquest*. London: Routledge.
- Cunliffe, B. (2009). Looking forward: maritime contacts in the first millennium BC. In P. Clark. *Bronze Age connections: cultural contact in prehistoric Europe* (pp. 80-93). Oxford: Oxbow Books.
- Cunliffe, B. (2013). *Britain Begins*. Oxford: Oxford University Press.
- Currás, B. X.; Sastre, I. (2020). *Alternative Iron Ages: social theory from archaeological analysis*. London: Routledge.
- Dent, J. S. (1983). Weapons, Wounds and War in the Iron Age. *Archaeological Journal*, 140 (1), 120–128.
- Dent, J. S. (2010). *The Iron Age in East Yorkshire: an analysis of the later prehistoric monuments of the Yorkshire Wolds and the culture which marked their final phase*. Oxford: John and Erica Hedges Ltd.
- Duval, A.; Guy, V. (1993). La tombe avec éléments de char de Marcilly-sur-Eure (Eure), La Croix du Breuil. In D. Cliquet et al. *Les Celtes en Normandie. Les rites funéraires en Gaule (Ille- Ier s. avant J.-C.)* (pp. 135-147). Rennes: AFEAF.





Ehrenreich, R. M. (1991). Metalworking in Iron Age Britain: hierarchy or heterarchy? In R. M. Ehrenreich. *Metals in society: theory beyond analysis* (pp. 69-80). Philadelphia: MASCA.

Ehrenreich, R. M. (1995). Early Metalworking: A Heterarchical Analysis of Industrial Organization. *Archeological Papers of the American Anthropological Association*, 6 (1), 33–39.

Evans, J. (1881). *The Ancient Bronze Implements, Weapons and Ornaments of Great Britain and Ireland*. London: Longmans, Green & Co.

Fell, V. (1991). The Tools. In I. M. Stead. *Iron Age cemeteries in East Yorkshire: excavations at Burton Fleming, Rudston, Garton-on-the-Wolds, and Kirkburn* (pp. 79-80). London: British Museum Press.

Fell, V. (1997, march). Iron Age iron files from England. *Oxford Journal of Archaeology*, 16 (1), 79–98.

Fell, V. (1998). Iron Age Ferrous Hammerheads from Britain. *Oxford Journal of Archaeology*, 17 (2), 207–225.

Fitzpatrick, A. (2007). The fire, the feast and the funeral. Late Iron Age burial rites in southern England. In V. Kruta; G. Leman-Delerive. *Feux des morts, foyers des vivants. Les rites et symboles du feu dans les tombes de l'Age du Fer et de l'époque romaine, (actes XXVII coll. int. Halma-lpel)* (pp. 123-142). Lile: Nord Hors.

Forshaw, R. (2014). Dental indicators of ancient dietary patterns: dental analysis in archaeology. *British Dental Journal*, 216 (9), 529–535.

Garrow, D.; Gosden, C. (2012). *Technologies of enchantment?: exploring Celtic art : 400 BC to AD 100*. Oxford: Oxford University Press.

Garstki, K. (2019, November). The social production of iron in First Millenium BC Ireland. *Oxford Journal of Archaeology*, 38 (4), 443–463.

Giles, M. (2007a). Good fences make good neighbours? Exploring the ladder enclosures of Late Iron Age East Yorkshire. In C. Haselgrove; T. Moore. *The later Iron Age in Britain and Beyond* (pp. 235-249). Oxford: Oxbow Books.

Giles, M. (2007b). Making Metal and Forging Relations: Ironworking in the British Iron Age. *Oxford Journal of Archaeology*, 26 (4), 395–413.

Giles, M. (2008). Seeing red: the aesthetics of martial objects in the British and Irish Iron age. In D. Garrow; C. Gosden; J. D. Hill. *Rethinking Celtic art* (pp. 59-77). Oxford: Oxbow Books.

Giles, M. (2012). *A forged glamour: landscape, identity and material culture in the Iron Age*. Bollington: Windgather.

Giles, M.; Green, V.; Peixoto, P. V. da S. (2020). Wide Connections: Women, Mobility and Power in Iron Age East Yorkshire. In P. Halkon. *The Arras Culture of Eastern Yorkshire: Celebrating the Iron Age. Proceedings of "Arras 200 - Celebrating the Iron Age"* (pp. 47-66). Oxford: Oxbow.

Halkon, P. (2008). *Archaeology and environment in a changing East Yorkshire landscape: the Foulness Valley c. 800 BC to c. AD 400*. Oxford: Archaeopress.

Halkon, P. (2011). Iron, Landscape and Power in Iron Age East Yorkshire. *Archaeological Journal*, 168(1), 133–165.



Halkon, P. (2017). Putting some iron back in the iron age: A case study from the UK. In I. Ruiz; A. Perea. *Archaeometallurgy in Europe IV* (pp. 205-216). Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

Halkon, P. (2020a). Setting the scene: landscape and settlement in Iron Age eastern Yorkshire. In P. Halkon. *The Arras Culture of Eastern Yorkshire: Celebrating the Iron Age. Proceedings of "Arras 200 - Celebrating the Iron Age"* (pp. 1-16). Oxford: Oxbow.

Halkon, P. (2020b). *The Arras culture of Eastern Yorkshire - celebrating the Iron Age*. Oxford: Oxbow Books.

Halkon, P.; Starley, D. (2011). Iron, Landscape and Power in Iron Age East Yorkshire. *Archaeological Journal*, 168 (1), 133–165.

Haselgrove, C. (2004). Society and Polity in Late Iron Age Britain. In M. Todd. *A Companion to Roman Britain* (pp. 12-29). Oxford: Blackwell.

Hayden, C.; Stafford, E. (2006). *The Prehistoric Landscape at White Horse Stone, Aylesford, Kent*. London: Archaeology Data Service.

Herbert, E. W. (1993). *Iron, gender, and power: rituals of transformation in African societies*. Bloomington: Indiana University Press.

Hill, J. D. (1995). The Pre-Roman Iron Age in Britain and Ireland (ca. 800 B.C. to A.D. 100): An Overview. *Journal of World Prehistory*, 9 (1), 47–98.

Hill, J. D. (2012). How Did British Middle and Late Pre-Roman Iron Age Societies Work (if they did)? In T. Moore; X.-L. Armada. *Atlantic Europe in the First Millennium BC: Crossing the Divide* (pp. 242-263). Oxford: Oxford University Press.

Hingley, R. (1990). Iron Age "Currency Bars": The Archaeological and Social Context. *Archaeological Journal*, 147 (1), 91–117.

Hingley, R. (2006). The Deposition of Iron Objects in Britain During the Later Prehistoric and Roman Periods: Contextual Analysis and the Significance of Iron. *Britannia*, 37, 213–257.

Hingley, R. (2020). Egalitarianism in the southern British Iron Age: An "archaeology" of knowledge. In B. X. Currás; I. Sastre. *Alternative Iron Ages: social theory from archaeological analysis* (pp. 109-126). London: Routledge.

Hope, V. M. (2007). *Death in ancient Rome: a source book*. London: Routledge.

Hosek, L.; Robb, J. (2019, august). Osteobiography: A Platform for Bioarchaeology Research. *Bioarchaeology International*, 3 (1), 1–15.

Humphreys, O. J. (2017, 3 July). Context, Continuity, Correspondence, and Continental Connections: New Approaches to the Ironwork Hoards of Roman Britain. *Archaeological Journal*, 174 (2), 363–408.

Hunter, F. (2005). The image of the warrior in the British Iron Age: coin iconography in context. In C. Haselgrove; D. Wigg-Wolf. *Iron Age Coinage and Ritual Practices* (pp. 43-68). Mainz: Von Zabern.

Ikram, S. (2018). An Overview of the History of the Excavation and Treatment of Ancient Human Remains in Egypt. In B. O'Donnabhain; M. C. Lozada. *Archaeological Human Remains* (pp. 45-55). Cham: Springer International Publishing.

James, S. (2005). *Exploring the world of the Celts*. London: Thames & Hudson.

James, S. (2018). Warriors, war, and weapons; or arms, the armed, and armed violence. In C. Haselgrove; P. S. Wells; K. Rebay-Salisbury. *Oxford Handbook of the European Iron Age* (pp. 1-21). Oxford: Oxford University Press.

Jay, M.; Montgomery, J. (2020). Isotopes and Chariots: Diet, subsistence and origins of Iron Age people from Yorkshire. In P. Halkon. *The Arras Culture of Eastern Yorkshire: Celebrating the Iron Age* (pp. 85-100). Oxford: Oxbow Books.

Johns, C. (2006). An Iron Age sword and mirror cist burial from Bryher, Isles of Scilly. *Cornish Archaeology*, 41 (42), 1-79.

Jordan, A. M. (2016, 1 september). Her Mirror, His Sword: Unbinding Binary Gender and Sex Assumptions in Iron Age British Mortuary Traditions. *Journal of Archaeological Method and Theory*, 23 (3), 870-899.

King, S. S. (2010). *What makes war?: assessing Iron Age warfare through mortuary behaviour and osteological patterns of violence*. [Thesis, University of Bradford].

Laing, L.; Laing, J. (1995). *Celtic Britain and Ireland: art and society*. London: The Herbert Press.

Lejars, T. (2005). Le cimetière celtique de La Fosse Cotheret, à Roissy (Val-d'Oise) et les usages funéraires aristocratiques dans le nord du Bassin parisien à l'aube du III<sup>e</sup> siècle avant. In O. Buschenschutz; A. Bulard; T. Lejars. *L'âge du Fer en Île-de-France, Actes du XXVI Colloque de l'Association Française pour l'étude de l'Âge du Fer* (pp. 73-83). Tours: FERACF.

Lepaumier, H. et al. (2011). "Les Pleines" (Manche) Habitats enclos et tombe à char en Cotentin. In P. Barral et al. *L'âge du Fer en Basse-Normandie. Gestes funéraires en Gaule au Second-Âge du Fer* (pp. 315-333). Besançon: Presses universitaires de Franche-Comté.

Lösh, S. et al. (2014, 15 october). Stable Isotope and Trace Element Studies on Gladiators and Contemporary Romans from Ephesus (Turkey, 2nd and 3rd Ct. AD) - Implications for Differences in Diet. *PLoS ONE*, 9 (10), e110489.

Manning, W. H. (1972). Ironwork Hoards in Iron Age and Roman Britain. *Britannia*, 3, 224.

Manning, W. H. (2011). Industry. In L. Allason-Jones. *Artefacts in Roman Britain: their purpose and use* (pp. 68-88). Cambridge: Cambridge University Press.

McWilliam, J. (2001). Children among the dead: the influence of urban life on the commemoration of children on tombstone inscriptions. In S. Dixon. *Childhood, Class and Kin in the Roman World* (pp. 74-98). New York: Routledge.

Megaw, V.; Megaw, R. (2011). Early Celtic Art at the Millennium. In M. Lodewijckx, M. *Belgian archaeology in a European setting* (v. 2, pp. 41-50) Leuven: Leuven University Press.

Nørgaard, H. W. (2014). Are Valued Craftsmen as Important as Prestige Goods. Ideas about Itinerant Craftsmanship in the Nordic Bronze Age. In S. Reiter; J. Lavrsen; H. Vandkilde. *Rooted in movement: aspects of mobility in Bronze Age Europe* (pp. 37-52). Højbjerg: Jutland Archaeological Society.

Papathanasiou, A.; Richards, M. P.; Fox, S. C. (2015). *Archaeodiet in the Greek world: dietary reconstruction from stable isotope analysis*. Athens: American School of Classical Studies at Athens.



Parker Pearson, M. (2002). *The archaeology of death and burial*. College Station, TX: Texas A & M Univ. Press.

Peixoto, P. V. da S. (2019). Da arte de matar os mortos? Considerações sobre os enterramentos da Idade do Ferro bretã perfurados por lanças. *Phoînix*, 25 (2), 26–48.

Power, R. C. et al. (2018, june) Dental calculus indicates widespread plant use within the stable Neanderthal dietary niche. *Journal of Human Evolution*, 119, 27–41.

Rawson, B. (2009). *Children and childhood in Roman Italy*. Oxford: Oxford Univ. Press.

Redfern, R. (2005). *A gendered analysis of health from the Iron Age to the end of the Romano-British period in Dorset, England (Mid to Late 8th century BC to the end of the 4th century AD)*. [Thesis, University of Birmingham].

Stead, I. M. (1979). *The Arras culture*. York: Yorkshire Philosophical Society.

Stead, I. M. (1991). *Iron Age cemeteries in East Yorkshire: excavations at Burton Fleming, Rudston, Garton-on-the-Wolds, and Kirkburn*. London: British Museum Press.

Stead, I. M.; Rigby, V. (1989). *Verulamium, the King Harry Lane site*. London: English Heritage.

Stephens, M.; Ware, P. (2020). The Iron Age cemeteries at Pocklington and other excavations by MAP. In P. Halkon. *The Arras Culture of Eastern Yorkshire: Celebrating the Iron Age. Proceedings of "Arras 200 - Celebrating the Iron Age"* (pp. 17-32). Oxford: Oxbow.

Stoertz, C. (1997). *Ancient landscapes of the the Yorkshire Wolds: aerial photographic transcription and analysis*. Swindon: Royal Commission on the Historical Monuments of England.

Stutz, L. N.; Tarlow, S. (2013). *The Oxford Handbook of the Archaeology of Death and Burial*. Oxford: Oxford University Press.

Van de Noort, R. (2004). *The Humber wetlands: the archaeology of a dynamic landscape*. Bollington: Windgather.

Whimster, R. (1981). *Burial practices in Iron Age Britain*. Oxford: British Archaeological Reports.

Zaour, N. et al. (2014, 30 november). Les activités métallurgiques dans les établissements ruraux enclos du second âge du Fer en Basse-Normandie: l'exemple du site des "Pleines" à Orval (Manche). *ArchéoSciences*, 38, 165–181.

Recebido em: 06 de maio de 2021  
Aprovado em: 23 de Janeiro de 2023

